

**Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo**  
**Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação**

Camila Santos Coppola  
Oséias Vasconcelos Andrade Pereira da Silva

**O CASAMENTO POR INTERESSE EM “O REI DA VELA”**

São Paulo  
2012

**Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo**  
Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Camila Santos Coppola  
Oséias Vasconcelos Andrade Pereira da Silva

**O CASAMENTO POR INTERESSE EM “O REI DA VELA”**

Trabalho Temático apresentado a Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação de Sociologia e Política de São Paulo como componente curricular obrigatório do curso.

São Paulo  
2012

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	3
2	ABELARDO I/ABELARDO II E HELOÍSA DE LESBOS .....	4
3	O CASAMENTO POR INTERESSE NA DÉCADA DE 30 E EM “O REI DA.....	8
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	11

## 1 INTRODUÇÃO

O Rei da Vela é uma obra da dramaturgia escrita por Oswald de Andrade em 1933 e publicada em 1937, permanecendo por 30 anos inédita dos palcos brasileiros. Devido à ditadura foi proibida de ser encenada até então e em 1967, foi finalmente montada pelas mãos de José Celso Martinez Corrêa e do Teatro Oficina e pôde ser exibida e conhecida pelo público do teatro. A peça foi recebida com reações diversas daqueles que a assistiram, isto talvez devido ao seu conteúdo diferente, personagens estereotipados e animalizados e seus diálogos grotescos.

A peça é dividida em três atos e, segundo Magaldi (1995), o primeiro passa-se no escritório de usura de Abelardo & Abelardo e parodia o ambiente de um circo; o segundo passa-se numa ilha tropical na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, que parodia os folhetins de revista, e o terceiro passa-se novamente no escritório de usura, à noite, num ambiente sombrio e macabro parodiando uma ópera, que combinaria melhor para o local da morte de Abelardo I.

A obra mostra o agiota Abelardo I, o *rei da vela*, devido ao fato de ele vender velas para os túmulos dos mortos, faturando assim um tostão de cada morto do país, além de ser um burguês que é dono de um escritório de agiotagem. Seu cúmplice e funcionário é Abelardo II, juntos trabalham neste escritório emprestando dinheiro a juros escabrosos. Porém, no fim, ambos não passam de serventes do americano Mr. Jones que representa o capital estrangeiro ao qual o país está submetido, naquele período. Junto de Abelardo I, está Heloísa de Lesbos, sua noiva, e toda a sua família aristocrata rural falida. A peça faz uma paródia do famoso casal medieval Abelardo e Heloísa.

Lembremos que na década de 1920, a economia brasileira tinha como fonte de lucro o café e assim o poder econômico estava nas mãos dos donos das fazendas, também chamados de aristocracia rural, porém com a crise internacional de 1929 e a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque o café deixa de ter tanta importância e a classe aristocrata vai concomitantemente à falência. O Rei da Vela então, aborda este aspecto econômico da década de 1930, caracterizado pela união da classe aristocrata decadente e da burguesia em ascensão.

É esta união que nos despertou interesse para a realização deste trabalho. O que o casamento representava na década de 30, para o homem e para a mulher? É possível perceber esses elementos na obra de Oswald e de que maneira o casamento por interesse se apresenta? O que as personagens Abelardo I/Abelardo II e Heloísa de Lesbos representam na peça, levando em consideração a paródia feita com o casal clássico? Depois de responder a essas questões, será possível então entender o casamento por interesse na década de 30 e na peça?

Assim, o trabalho será dividido da seguinte forma: no primeiro tópico falaremos sobre as personagens Abelardo I/Abelardo II e Heloísa de Lesbos, o que eles representam e, por conseguinte, o que a união de ambos representa. No segundo tópico falaremos do casamento da época, o casamento por interesse e faremos uma ligação com o casamento da obra. E por último, nas considerações finais, falaremos sobre o que nós concluímos diante dos dados coletados, se de fato, o casamento por interesse da obra remete ao casamento do Brasil naquele mesmo período e de que maneira Oswald apresenta esses elementos e assim, poder entender como se dava esse casamento por interesse, que elementos ligavam esses casais tanto na obra como na década de 30, discorrendo sobre a classe burguesa.

## **2 ABELARDO I/ABELARDO II E HELOÍSA DE LESBOS**

Antes de analisarmos o casamento por interesse, que é o foco central desse trabalho, consideramos que seja importante entender mais sobre as personagens envolvidas nesse matrimônio, compreender o que elas representam e como Oswald as representou por meio de alegorias e paródias.

Os personagens da peça são alegóricos, ou seja, possuem características figuradas, ou seja, generalizações de uma classe, de um sistema; isso faz com que tenhamos certo distanciamento da peça, percebemos que não é algo real, assim como outros elementos desumanizados, como podemos perceber na descrição das personagens aos serem apresentadas. Um exemplo pode ser percebido claramente na descrição a seguir de Abelardo II e do cliente no primeiro ato:

ABELARDO II (Veste botas e um completo de domador de feras. Usa pastinha e enormes bigodes retorcidos. Monóculo. Um revólver à cinta.) [...]

CLIENTE (Embaraçado, o chapéu na mão, uma gravata de corda no pescoço magro.) [...] (ANDRADE, 1995, p. 39).

Outro elemento perceptível na cena acima é a divisão clara dos papéis de cada um, ou seja, um obviamente é o dominador (Abelardo II) e o outro é o dominado (o cliente).

Após entendermos que as personagens não passam de alegorias, ou seja, carregam as características e os estigmas das classes que elas representam; desta forma, é importante percebermos a intertextualidade que Oswald faz com o casal trágico medieval do século XII, Abelardo e Heloísa, que são separados por causa de seu amor proibido, e que, na peça em análise, são parodiados por ele. Segundo Santos (2008) os personagens são retirados do contexto medieval e inseridos no contexto brasileiro das décadas de 20 e 30 e, deste modo, sofrem uma inversão de seus papéis originais. Heloísa, que na peça representa a classe aristocrata rural falida, em decadência, deixa de ser o símbolo do amor romântico para se tornar mesquinha e vulgar. Ela se casa com Abelardo I por dinheiro e transforma-se em objeto sexual para manter o status social de sua família. Podemos perceber isso no trecho a seguir:

HELOÍSA — Enfim... aqui estou... negociada. Como uma mercadoria valiosa... Não nego, o meu ser mal-educado nos pensionatos milionários da Suíça, nos salões atapetados de São Paulo... vivendo entre ressacas e preguiças, aventuras... não pôde suportar por mais de dois anos a ronda da miséria... (*Silêncio.*) E a admiração que você provocou em mim, com o seu ar calculado e frio e a sua espantosa vitória no meio da derrocada geral... O conhecimento que tive do seu cinismo e da sua indiferença diante dos sofrimentos humanos... (ANDRADE, 1995, p. 53).

Nesse diálogo, a personagem deixa claro que se casa apenas para manter as regalias que antes possuía, não se importando com os meios para alcançar tal objetivo e nem com o “trabalho” de Abelardo I que o faz enriquecer à custa de pessoas inocentes e vítimas do sistema e da crise.

Além disso, Heloísa é apresentada por Oswald de forma masculinizada, o que fica subentendido em seu sobrenome, Heloísa de Lesbos. Lesbos é o nome de uma ilha na Grécia que ficou famosa por ter sido a terra natal da poetisa Safo, que fazia

poemas com conteúdo dirigido a outras mulheres e hoje é muito visitada por turistas lésbicas. A alusão a esta ilha fica evidente nesse trecho:

ABELARDO I — [...] Você sabe, toda a gente sabe. Heloísa de Lesbos! Fizeram piada quando comprei uma ilha no Rio, para nos casarmos. Disseram que era na Grécia. Apesar disso, ela ainda é a flor mais decente dessa velha árvore bandeirante. Uma das famílias fundamentais do Império. (ANDRADE, 1995, p. 42).

É curioso observar que o Abelardo de Oswald de Andrade é duplo (Abelardo I e Abelardo II) e, como mencionado anteriormente, Abelardo I é um membro da burguesia em ascensão, agiota que empresta dinheiro a juros altíssimos, ou seja, vive da exploração dessas pessoas que recorrem a ele. Mas então, se ele tem dinheiro, por que haveria de querer se casar com Heloísa, que nada mais é do que uma aristocrata rural em decadência? Abelardo também tem seu interesse, e que pode ser percebido no diálogo abaixo:

ABELARDO II — O velho está de tanga. Entregou tudo aos credores.

ABELARDO I — Que importa? Para nós, homens adiantados que só conhecemos uma coisa fria, o valor do dinheiro, comprar esses restos de brasão ainda é negócio, faz vista num país medieval como o nosso! O senhor sabe que São Paulo só tem dez famílias?

ABELARDO II — E o resto da população?

ABELARDO I — O resto é prole. O que eu estou fazendo, o que o senhor quer fazer é deixar de ser prole para ser família, comprar os velhos brasões, isso até parece teatro do século XIX. Mas no Brasil ainda é novo. (ANDRADE, 1995, p. 42).

Assim, podemos perceber que apesar do dinheiro, Abelardo I não possui um brasão, ou seja, um nome, e é isto que ele busca ao se unir com Heloísa.

Santos (2008) mostra que ambas as personagens têm consciência de que foram retiradas de outro contexto e, por conseguinte, de seus papéis, o que fica evidente na fala de Abelardo II para Heloísa, após a cena da morte de Abelardo I: “Heloísa será sempre de Abelardo. É clássico!” (ANDRADE, 1995, p. 88); ou seja, assim como na história medieval em que o amor os une para sempre, não seria diferente aqui. Porém, em Oswald, Abelardo I e Abelardo II seriam representantes da

burguesia e Heloísa da aristocracia rural, e o que os une não é o amor, e sim o casamento por interesse, como solução de seus problemas econômicos.

E logo após a morte de Abelardo I, Abelardo II já se casa com Heloísa, numa cena grotesca, mas que comprova essa posse de Heloísa que passa de um Abelardo para outro, como podemos constatar da rubrica a seguir:

Heloísa hesita um instante perto do morto, depois ampara-se sobre o ombro de Abelardo II que a mantém estreitamente no centro da cena. Ouvem-se os acordes da Marcha Nupcial e uma luz doce focaliza o par. Aparecem então em fila, vestidos a rigor, os personagens do Segundo Ato que, sem dar atenção ao cadáver, cumprimentam o casal enluarado, atravessando ritmadamente a cena e se colocando por detrás dele, ao som da música. [...] (ANDRADE, 1995, p. 88).

Essa premeditação de que Abelardo II sucederia Abelardo I pode ser percebida já no início do 1º Ato num diálogo entre os dois:

ABELARDO I — Diga-me uma coisa, Seu Abelardo, você é socialista?

ABELARDO II — Sou o primeiro socialista que aparece no Teatro Brasileiro.

ABELARDO I — E o que é que você quer?

ABELARDO II — Sucedê-lo nessa mesa.

ABELARDO I — Pelo que vejo o socialismo nos países arrasados começa logo assim... Entrando num acordo com a propriedade...

ABELARDO II — De fato... Estamos num país semicolonial...

ABELARDO I — Onde a gente pode ter ideias, mas não é de ferro.

ABELARDO II — Sim. Sem quebrar a tradição. (ANDRADE, 1995, p. 47).

Assim, segundo Santos (2008), Abelardo II é como a sombra de Abelardo I, e no trecho acima, ele se diz socialista, porém na prática mantém o sistema vigente, o capitalismo, e sucederá Abelardo I, mostrando consciência disto desde o início. Outro trecho que comprova essa sucessão já premeditada é perceptível na fala de Abelardo I antes de sua morte: “[...] Somos uma barricada de Abelardos! Um cai, outro o substitui, enquanto houver imperialismo e diferença de classes...” (ANDRADE, 1995, p. 84), ou seja, os personagens em si não importam, e sim a



continuidade do sistema capitalista que os Abelardos representam e que, por fim, servem ao capital estrangeiro que é representado pelo personagem Mr. Jones.

### **3 O CASAMENTO POR INTERESSE NA DÉCADA DE 30 E EM “O REI DA VELA”**

O casamento no começo do século XX no Brasil e principalmente em São Paulo era um costume herdado de séculos anteriores; seguia padrões sociais e tinha relação com a origem e a posição sócio-econômica dos cônjuges. A propósito, observa Samara que:

Isso significa que os casamentos celebrados durante o período eram uma opção apenas para uma certa parcela da população e estiveram preferencialmente circunscritos aos grupos de origem, representando a união de interesses especialmente entre a elite branca. [...] (SAMARA, 1981, p. 17).

Segundo Priore (2006), o casamento antes de se tornar sacramento era um contrato civil e é somente em meados do século XII, na Europa, que isso muda. O motivo de sua origem como uma instituição básica era a transmissão do patrimônio, ou seja, não tinha relação alguma com a escolha e consenso dos parceiros e sim, era fruto de acordos familiares.

Na obra “O Rei da vela”, o casamento segue o costume tradicional do século XIX, e isso pode ser percebido no uso de termos como “país semicolonial” (ANDRADE, 1995, p. 47) ou então “país medieval” (ANDRADE, 1995, p. 42), ou seja, vemos aí a crítica que Oswald faz dos costumes tradicionais, ainda arraigados na cultura brasileira. Outro momento em que isto pode ser percebido é no diálogo a seguir, entre os Abelardos:

ABELARDO I — Que necessidade tem você de casar com a minha viúva... Vai tê-la virgem! e de branco...

ABELARDO II — Virgem! Heloísa virgem! (*Heloísa diminui os soluços.*)

ABELARDO I — Se o Americano desistir do direito de pernada...

ABELARDO II — De pernada?

ABELARDO I — Sim, o direito à primeira noite. É a tradição! Não se afobe, pequeno-burguês sexual e imaginoso! Não se esqueça de que estamos num país semicolonial. [...] (ANDRADE, 1995, p. 82-83).

Como se constata, Abelardo I diz a Abelardo II que o americano, Mr Jones, tem o direito de pernada, o direito à primeira noite com Heloísa de Lesbos, tradição do período do feudalismo, época em que o senhor feudal tinha esse direito perante as esposas dos servos; sendo assim, é uma alusão ao fato de que no Brasil ainda se mantinham costumes do período colonial.

No século XIX, de acordo com Priore (2006), o maior motivo do casamento na sociedade burguesa continuava sendo por interesse: o matrimônio era algo que passava muito longe do coração, ou seja, na alta sociedade dificilmente se casava por amor. O matrimônio, principalmente entre os nobres brancos da alta sociedade, era um acontecimento de notável importância, possibilitava poder aos comerciantes que começavam a se integrar nas famílias renomadas, dando assim direitos de influências políticas e também econômicas aos consortes; e até mesmo entre as escravas havia restrições quando ao casamento, pois as famílias ricas obrigavam-nas a se casar com homens de sua confiança para garantir a continuidade do serviço doméstico.

Com relação ao papel do homem e da mulher no casamento naquele período, ao homem estava destinado o espaço público, à mulher, o privado. O homem era o possuidor da mulher, aquele que representava a família e era o administrador dos bens. Já à mulher cabia a responsabilidade de cuidar do lar, ser paciente e acima de tudo fiel. Ela não poderia trabalhar fora, nem sair de casa sem a permissão do marido, que poderia até mesmo usar de violência contra os chamados 'excessos femininos', pois a legislação assim o permitia.

Assim, analisando o papel desigual do homem e da mulher naquele período, podemos entender o porquê da seguinte fala de Heloísa de Lesbos:

HELOÍSA — **Em troca da minha liberdade.** Chegamos ao casamento... Que você no começo dizia ser a mais imoral das instituições humanas.

ABELARDO I — E a mais útil a nossa classe... A que defende a herança...

HELOÍSA — Enfim... aqui estou... negociada. Como uma mercadoria valiosa... Não nego, o meu ser mal-educado nos pensionatos milionários da Suíça, nos salões atapetados de São Paulo... vivendo entre ressacas e preguiças, aventuras... não pôde suportar por mais de dois anos a ronda da miséria... (*Silêncio.*) E a admiração que você provocou em mim, com o seu ar calculado e frio e a sua espantosa vitória no meio da derrocada geral... O conhecimento que tive do seu cinismo e da sua indiferença diante dos sofrimentos humanos... (ANDRADE, 1995, p. 53, grifo nosso).

Heloísa, como se pode depreender desse diálogo com Abelardo I, diz perder a sua liberdade ao se casar, ou seja, como esposa ela terá de cumprir o papel de vigilante do lar e deverá obedecer e servir ao seu marido; mas, em troca, será sustentada por ele pelo resto de sua vida.

Assim, Abelardo I e Heloísa de Lesbos deixam bem claro que a união de ambos não passa de um negócio, um acordo; o casamento para eles não tinha nenhum valor sentimental; ao lado disso, percebe-se também que a união arranjada era uma forma de fugir da falência, da miséria, mostrando por fim, a semelhança com os costumes ainda vigentes naquele período e com os papéis muito bem traçados do homem e da mulher no casamento.

O casamento no “Rei da Vela” tem um grande vínculo com o período colonial, como vimos anteriormente, período em que os matrimônios eram um imenso negócio lucrativo e vantajoso e Oswald de Andrade de forma muito precisa consegue analisar criticamente o costume da união por interesse, da união arranjada. É o que se percebe, mais uma vez, no diálogo a seguir:

HELOÍSA — O nosso casamento é um negócio...

ABELARDO I — Por isso vieste de Marlene?

HELOÍSA — Mas não há de ser um negócio como esses que você faz com esse bando de desesperados que saiu daí vociferando... Estão ainda muitos lá embaixo. Há mulheres idosas, moças, turcos, italianos, russos de prestação, uma fauna de hospício... (ANDRADE, 1995, p. 49).

Nas falas das personagens é evidente o negócio entre os dois: por um lado, Heloísa que a qualquer custo procura evitar a miséria e vê, em seu futuro marido, uma saída para sua situação. Em contrapartida, Abelardo I pensa em ganhar

prestígio, ao adquirir um sobrenome, o brasão da família de Heloísa, que para ele é algo de grande valor; isso, acima de tudo, se deve aos costumes que ainda se mantêm vivos e, por conseguinte, do valor que o sobrenome de uma família aristocrata, como a de Heloísa, ainda representava no Brasil.

O casamento por interesse entre a elite brasileira em 1933, ainda era algo bastante tradicional; o amor ficava de lado e os bens materiais constituíam-se no que havia de maior importância naquela sociedade conservadora, e é o que o autor procura deixar bem claro na peça. A sociedade burguesa, naqueles idos do início do século XX, via no matrimônio um meio de aumentar e assegurar suas fortunas e quanto mais riqueza envolvesse, principalmente para as mulheres, maiores eram as chances de se conseguir pretendentes.

Segundo Priore (2006), a tradição, em várias ocasiões, era cruel com moças da classe média: menos providas de dote, passaram por dificuldades no comércio matrimonial no fim do século XIX, por causa da crise econômica e política; entretanto, para as milionárias herdeiras, filhas dos barões rurais, não havia problema algum, pois os pretendentes não faltavam e continuava resistindo o casamento arranjado.

É importante lembrar que o costume de se casar por interesse vem de épocas anteriores à de Oswald de Andrade; e foi isso que o inspirou na criação das personagens Abelardo I e Heloísa de Lesbos, em “O Rei da vela”, fazendo de maneira irônica uma crítica aos costumes da sociedade burguesa e denunciando o casamento por interesse.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das propostas oferecidas e analisadas, ao longo deste trabalho, constatamos que o casamento em “O Rei da Vela” tinha como único propósito o de ser um negócio lucrativo para ambas as partes. A união ficava bem distante dos sentimentos, o que é bem evidente no transcorrer da obra: utilizando-se de personagens alegóricos, enquanto Abelardo I/Abelardo II representam a burguesia em ascensão, a classe que concentra o capital, Heloísa de Lesbos é a classe aristocrata rural em decadência e que se une a outra classe para manter seu status econômico e suas regalias perdidas em decorrência da crise do café. Por conta

desse jogo de interesses, a elite branca, por meio da barganha do dote e interesses de ordem social e política mais abrangentes (a disputa pelo prestígio e pelo poder) se comprometia em ir ao altar para se unir com o que lhe oferecia, o conforto, a fortuna, a continuidade do patrimônio, etc. Era essa a função do casamento naquela época, um casamento por interesse econômico, arranjado.

Assim, o autor de *O Rei da Vela* mostra à sua maneira, o casamento segundo os padrões de sua época, parodiando o casal romântico medieval, Abelardo e Heloísa; e através da inversão de seus papéis faz uma crítica a esses valores, que continuavam vigentes no Brasil, desde o período colonial.

### REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Oswald de. **O rei da vela**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 1995. 88, vi p. (Obras completas de Oswald de Andrade).

MAGALDI, Sábato. O país desmascarado. In: ANDRADE, Oswald de. **O rei da vela**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 1995. p. 7-15.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: < <http://api.ning.com/files/YvQwzif2nPn84fB7eN-CAmrql1sFvrqy4WEzuE1Gj4vZJwrECIX9I5JM1HPdky7v4jy3qw5JZFynkMC3I3tZ0e0Uu8QoZGB1/MaryDelPrioreHistriadoAmornoBrasil.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2012.

SAMARA, Eni de Mesquita. Casamento e papéis familiares em São Paulo no século XIX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 37, p. 17-25, mai. 1981. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0100-15741981000200002&lng=en&nrm tlng =iso& =pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-15741981000200002&lng=en&nrm tlng =iso& =pt)>. Acesso em: 03 nov. 2012.

SANTOS, Luciana dos. O rei da vela: antropofagia e intertextualidade em Oswald de Andrade. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, n. 7, 2008, Londrina. **Anais...** Londrina: Eduel, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/LucianaSantos.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2012.

SANTOS, Luciana dos. Oswald de Andrade: dramaturgo e humorista. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. n. 4, 2010, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2010. Disponível em: <<http://anais2010.cielli.com.br/downloads/207.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

